

## **SENTIMENTOS VIVENCIADOS POR MULHERES USUÁRIAS DE CRACK NO PROCESSO DA MATERNIDADE.**

ALAN TAVARES GARCIA<sup>1</sup>; PAOLA DE OLIVEIRA CAMARGO<sup>2</sup>; LIENI FREDO HERREIRA<sup>3</sup>; MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA<sup>4</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – [alantavaresgarcia@gmail.com](mailto:alantavaresgarcia@gmail.com)*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – [paolacamargo01@hotmail.com](mailto:paolacamargo01@hotmail.com)*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – [lieniherreraa@hotmail.com](mailto:lieniherreraa@hotmail.com)*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas - [mandagara@hotmail.com](mailto:mandagara@hotmail.com)*

### **1. INTRODUÇÃO**

A utilização de substâncias psicoativas de forma abusiva nos dias atuais é um dos problemas mais preocupantes dentro do campo da saúde pública no Brasil e no mundo (PULCHERIO et al., 2010). Na área da saúde e, especificamente na perspectiva da saúde da mulher, a discussão do uso de substâncias psicoativas ultrapassa as questões biomédicas, exigindo que cada profissional assimile o processo de saúde/doença de uma forma mais ampla e humanizada, compreendendo as mulheres como sujeito social (SOUZA, NASCIMENTO, 2014).

Em consequência disso, mulheres usuárias de crack podem viver em cenários preocupantes. A gestação acaba impondo, naturalmente, novas demandas, que ficam especialmente sobrepostas ao cenário do uso abusivo (MARINI e WASCHBURGER, 2015).

O objetivo desse resumo é descrever os sentimentos vivenciados durante a maternidade em mulheres usuárias de crack.

### **2. METODOLOGIA**

Este resumo faz parte de uma pesquisa qualitativa, resultado da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, intitulada “A visão da mulher usuária de cocaína/crack sobre a experiência da maternidade: vivência entre mãe e filho”.

O trabalho foi realizado através de observação participante, escrita de diário de campo e aplicação de entrevistas semiestruturadas, com cinco mulheres que realizaram o uso de crack durante a gestação. A coleta de dados ocorreu na residência e no território das participantes, durante os meses de maio a agosto do ano de 2014. Após o período de coleta, as entrevistas foram transcritas, lidas e interpretadas, junto às observações anotadas nos diários de campo, e os dados analisados a partir da Teoria Interpretativa de Clifford Geertz (2008). O referencial teórico e metodológico foi baseado na Antropologia.

As mulheres tiveram seus nomes alterados, escolhido por elas mesmas com pseudônimo atribuído a flores, mantendo sempre o anonimato das mesmas.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem, pelo parecer 643.166. Todos os princípios éticos considerados para a elaboração da pesquisa foram ao encontro da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, sobre Pesquisa com Seres Humanos (BRASIL, 2012).

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para esse trabalho, buscou-se compreender os sentimentos vivenciados por mulheres usuárias de crack durante a maternidade. Através do contexto social e cultural que essas mulheres estão inseridas, chegou-se a uma análise concreta dentro da realidade vivida pelas mesmas. Para isso é indispensável conhecer o contexto na qual estão inseridas e a cultura da maternidade, segundo a antropologia (CAMARGO, 2014). Abaixo, breve caracterização e relato das participantes em relação aos sentimentos vivenciados por cada uma, desde a descoberta da gravidez, até após o nascimento dos filhos.

Crisântemo, 32 anos, negra, ensino médio completo e magistério. Resolveu engravidar após o término de seu curso. Estava estável a 5 anos com seu marido, era uma gravidez planejada. Apenas tinha uma exigência, acabar seus estudos para depois engravidar.

Margarida, 28 anos, branca, ensino médio completo. Estava casada há 4 anos e não conseguia engravidar, chegou até pensar que não conseguiria. Queria ser mãe a bastante tempo, era um projeto de vida. Foi uma felicidade sem igual e um alívio, pois, achou que tinha problemas para engravidar.

Contextualizando uma infinidade de mulheres, bem como Crisântemo e Margarida, a gravidez pode ser um projeto de vida, com ou sem parceiros, porém o fato dessa mulher ser usuária de crack não exclui o seu desejo de ser mãe. Corroborando, para Passos (2016), percebeu-se que mesmo em condições de uso, isso não eliminaria a possibilidade de sentir e vivenciar uma gestação e o processo de maternidade.

Dama da noite, 23 anos, ensino médio incompleto. No primeiro momento não queria acreditar que estaria gestante, foi ao ginecologista e já estava com três meses, chorou bastante, de alegria. Para Dama da noite, foi uma gravidez inesperada, não tinha o desejo de ser mãe. Após receber a notícia de um médico especialista, se emocionou e a partir daquele momento começou a desejar o filho que estava por vir.

Íris, 30 anos, ensino médio incompleto, sem renda fixa, segurada por programas do governo. Em um primeiro momento ficou triste e apavorada. Foi ficar feliz a partir do 5º mês, detalha que não tinha o que fazer, era contra o aborto e se Deus mandou ela teria que aceitar, mas felicidade em um primeiro momento ela não sentiu, apenas aceitou.

Dália, 29 anos, frequentou a escola até a 5ª série do ensino fundamental. Não possui renda fixa e é amparada por programas governamentais. Alega que não foi planejado, foi em sua primeira “vez”. Diz que o presente de 15 anos foi engravidar. Até o sétimo mês fez de tudo para abortar, pois não queria e não aceitava o fato de ser mãe. Repetindo-se assim no seu segundo filho, no qual também não houve um planejamento.

Os últimos depoimentos mencionados mostram um fator importante na vida dessas mulheres, a experiência da maternidade não foi considerada uma experiência agradável. Íris, mesmo não tendo planejado estar grávida conseguia distinguir o que era “certo ou errado”, aborto para ela era inadmissível, mesmo não estando feliz, prosseguiu com a gestação. Enquanto Dália, sem desejar a criança tentou abortar, sem sucesso. Mas, com as escolhas que teve em sua primeira gestação, não houve outras tentativas de aborto nas demais gestações.

É significativo ressaltar que Dama da Noite, Íris e Dália não haviam planejado engravidar nesse momento. Conforme Marini e Waschburger (2015), mulheres usuárias de crack podem estar submersas em uma relação com o crack, e, isso pode gerar confusão em relação aos sentimentos de mãe/filho. Porém, mesmo com os sentimentos ambivalentes e de medo e insegurança, as mulheres da seguinte pesquisa vivenciaram o processo de maternidade de forma a criar um vínculo de

afeto com os seus filhos, ou na gestação, no pós- parto ou após a convivência entre mãe e filho e a re-organização de suas vidas para receber seus filhos e filhas.

#### 4. CONCLUSÕES

Pela observação dos aspectos analisados, nota-se que mesmo existindo sentimentos incertos em relação a maternidade, elas ainda acabam sofrendo um grande estigma vindo da sociedade. A busca de conexão com esses filhos evidencia uma expectativa diferente, uma condição quem sabe, de se sentirem amadas e cessar seu uso em virtude da gravidez.

É importante ressaltar a necessidade de políticas públicas, como também a importância do profissional de saúde dentro do contexto no qual elas estão inseridas, ultrapassando o censo comum, que ressalta que uma mulher por ser usuária não agregaria um bom papel de mãe.

Por todos esses aspectos mencionados, é notório perceber que, mesmo no uso de drogas, essas mulheres sentiram sensações iguais a outras mulheres, independente de serem usuárias ou não. E como profissionais, devemos estar atento a exclusão dessas mulheres de políticas públicas, levando sempre um trabalho individualizado e universal, fazendo com que elas passem por esse processo com dignidade em todas etapas possíveis.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Resolução Nº 466 de 12 de dezembro de 2012:** diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: MS; 2012.

CAMARGO, P.O. **A visão da mulher usuária de cocaína/crack em relação a experiência da maternidade:** vivência entre mãe e filho. 2014. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas

GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC Editora, 1 ed., 13 reimpr., 2008.

MARINI, K; WASCHBURGER, P . A Vivência da Gravidez em Usuárias de Crack e sua Influência na Formação do Vínculo Materno-Fetal. **Revista de Psicologia da IMED.** v.7, n.2, p.37-47, 2015.

PASSOS, S. M. B. **Mulheres/mães usuárias de crack:** histórias de desproteção social. 2016. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social.

PULCHERIO, G et al. Crack – Da pedra ao tratamento. **Revista da AMRIGS.** Porto Alegre, v. 54, n. 3, jul.-set. p. 337-343, 2010.

SOUZA, M. R. R.; OLIVEIRA, J. F.; NASCIMENTO, E. R. A saúde de mulheres e o fenômeno das drogas em revistas brasileiras. **Texto Contexto Enferm.** Florianópolis, v. 23, n.1, p. 92-100, 2014.